

O teatro de uma fuga: Giacomo Casanova e a querela contra a Inquisição Veneziana (1755-1760)

*Luis Eduardo Bove de Azevedo*¹

RESUMO: O presente artigo busca analisar, através da vida e das obras de Giacomo Casanova (1725-1798), as críticas ao procedimento e à própria Inquisição Veneziana, além de colocar em discussão a problemática moral que levou à sua prisão em 1755 e sua fuga no ano seguinte. Sendo assim, será possível identificar as estruturas sociais nas quais Giacomo Casanova esteve inserido, homem que circulou pelas grandes Cortes europeias desses tempos, e destacar as críticas presentes em seu relato acerca da Inquisição Veneziana setecentista. Os relatos autobiográficos de Casanova serão discutidos com base em sua visão e descrição da peça processual da Inquisição e com as notícias de sua fuga, ambas relatadas em suas *Memórias*. Por fim, serão analisadas tanto a ação do Santo Ofício em Veneza, sobretudo no que concerne aos chamados delitos morais/sexuais, quanto a própria produção de um discurso crítico, já bastante consolidado acerca da Inquisição, do qual Casanova procurou se apropriar.

PALAVRAS-CHAVE: Inquisição Veneziana; Giacomo Casanova; Crítica; Prisão dos Chumbos; Século XVIII.

RESUMEN: El presente artículo busca analizar, a través de la vida y de las obras de Giacomo Casanova (1725-1798), las críticas al procedimiento y a la propia Inquisición Veneciana, además de poner en discusión la problemática moral que llevó a su prisión en 1755 y su fuga al año siguiente. Siendo así, será posible identificar las estructuras sociales en las que Giacomo Casanova estuvo inserto, hombre que circuló por las grandes Cortes europeas de esos tiempos, y destacar las críticas presentes en su relato acerca de la Inquisición Veneciana setecentista. Los relatos autobiográficos de Casanova serán discutidos con base en su visión y descripción de la pieza procesal de la Inquisición y con las noticias de su fuga, ambas relatadas en sus *Memorias*. Por último, se analizarán tanto la acción del Santo Oficio en Venecia, sobre todo en lo que concierne a los llamados delitos morales/sexuales, como la

¹ Graduando em História (4º ano/bacharelado e licenciatura) pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP – Campus Franca/SP). Email: luis.azevedo@gmail.com. Orientador: Prof. Dr. Yllan de Mattos Oliveira.

propia producción de un discurso crítico, ya bastante consolidado acerca de la Inquisición, del cual Casanova procuró apropiarse.

PALABRAS-CLAVE: Inquisición Veneciana; Giacomo Casanova; Crítica; Prisión de los Chumbos; Siglo XVIII.

Introdução

O texto que ora se apresenta procura compreender e analisar as críticas contra a Inquisição Veneziana produzidas por Giacomo Casanova (1725-1798), logo após a sua fuga da Prisão dos Chumbos, em Veneza, no ano de 1756.

Casanova foi uma das personalidades mais controvertidas da Época Moderna. Nascido em 1725, na República de Veneza, foi observado de perto pelos *espías* dos inquisidores venezianos, sobretudo por conta de seu comportamento “imoral” (como queriam seus algozes e que, analisando-se as obras de Casanova, não eram exclusivos a ele) e pelas ligações com o círculo cultural e mercantil de Andrea Memmo (membro de uma família importantíssima que almejava figurar novamente entre os grandes da República), além da leitura de livros proibidos², como as obras sobre a cabala – um de seus temas favoritos.

O Santo Ofício em Veneza guardava certas particularidades. Fundada em 1547, sob o apoio do doge, a Inquisição Veneziana esteve

² A respeito das leituras consideradas, pelo clero, proibidas, Robert Darnton realiza uma excelente exposição dos livros proibidos na França, anteriormente à Revolução de 1789. Tal exemplo evidencia um aspecto em comum na Europa setecentista: a leitura de textos, em diferentes localidades, cujo teor era ligado a aspectos sexuais e discussões morais, até então proibidos pela Igreja Católica, era recorrente e representa o interesse pelas obras consideradas “ilegais”. DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

constantemente sob a intervenção das autoridades da República³, sobretudo a partir do século XVII, com a defesa de uma autonomia promovida por Paolo Sarpi⁴.

Portanto, amiúde, o Tribunal servia aos interesses políticos e ao disciplinamento dos indivíduos – sem nunca deixar de observar o aspecto religioso de extirpação das heresias. Entretanto, em fins do século XVIII, uma série de ideias “libertinas” eram combatidas em toda a Europa, estando presentes, inclusive, em Veneza.

Diante disso, Casanova apresenta-se como um agente que defendia a liberdade de pensamento apregoada pelos seus contemporâneos iluministas, apesar de possuir certas incompatibilidades de ideias, por exemplo, no que diz respeito a aspectos do pensamento de Voltaire.

Giacomo Casanova era, de acordo com o relato de Ian Kelly, um de seus biógrafos, um:

Intelectual de saber enciclopédico [...], trabalhou como violinista, soldado, alquimista, curador espiritual e até bibliotecário, tendo sido educado originalmente para o sacerdócio. [...] escreveu 42 livros, além de peças, tratados filosóficos e matemáticos, libretos de óperas e obras sobre calendários, leis canônicas e geometria cúbica.⁵

³ CALIMANI, Riccardo. **L’Inquisizione a Venezia:** eretici e processi (1548-1674). Milão: Mondadori, 2002, p. 64.

⁴ DEL COL, Andrea. **L’Inquisizione in Italia:** dal XII al XXI secolo. Milão: Mondadori, 2006, p. 705.

⁵ KELLY, Ian. **Casanova:** muito além de um grande sedutor. Tradução: Roberto Franco Valente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 13.

Casanova não era um iluminista, mas quando escreveu as suas memórias, além do relato pormenorizado de sua fuga – *História da minha fuga das Prisões de Veneza*, publicado originalmente em Leipzig, em 1787 –, engrossou o coro das críticas de Voltaire (com *Cândido*) e também de Cesare Beccaria (*Dos delitos e das penas*) contra as punições e os procedimentos das Inquisições.

As discussões aqui levantadas partem da leitura das fontes (os livros escritos por Casanova) traduzidas para o português, além de levantamentos bibliográficos sobre a Inquisição Veneziana, complementados pelas análises de tal movimento e da forma como ele é descrito por alguns dos principais autores da temática da Inquisição, tais como Riccardo Calimani, Andrea Del Col e Francisco Bethencourt.

Por meio de comparações entre os aspectos apresentados por Giacomo Casanova, atentando-se à forma pela qual ele descreve as principais características da Inquisição, realizou-se uma análise de seus textos acerca deste movimento em suas duas principais obras: *História da minha fuga das Prisões de Veneza* e *Memórias de Giacomo Casanova* (estas publicadas originalmente entre 1822 e 1828).

Para além destes materiais, ao longo do trabalho foram utilizados livros relacionados à temática e à conceituação de Inquisição, nos diversos momentos de sua existência na Época Moderna; livros de comentadores acerca da vida de Giacomo Casanova; bibliografias que versam sobre aspectos associados à sexualidade e à importância do corpo no século XVIII; artigos científicos e textos disponibilizados na

web, devido, em parte, ao elevado interesse que se possui com relação ao caráter sexual de Casanova, comumente destacado em artigos e trabalhos acadêmicos, os quais contribuíram para o desenvolvimento e melhor compreensão do trabalho.

Busca-se, dessa forma, discutir e compreender a crítica produzida por Casanova contra a Inquisição veneziana e compará-la com o tratamento das demais críticas de autores coevos sobre o movimento, a fim de perceber e discutir as formas pelas quais agia a Inquisição Veneziana, no século XVIII, através de seus espiões, e apresentando os motivos pelos quais a vida de Giacomo Casanova cruzou com a ação do Tribunal e o levou à prisão, em 1755.

O pensamento libertino

Na segunda metade do século XVIII, o pensamento e a escrita “libertários” – e devemos dizer, também, “libertinos” – de Giacomo Casanova foram, contudo, contestados pela Igreja Católica, uma vez que Casanova contrariava frequentemente muitos dos dogmas e da moral cristã. O Santo Ofício tinha motivos de sobra para inquiri-lo. Devasso, como o próprio autor chegou a lembrar em suas *Memórias*, o ato sexual é o “sacramento máximo” quando se imiscuem práticas sexuais heterodoxas, com várias mulheres, e a crença cabalista.

O seu envolvimento com as jogatinas e as bebedeiras, além da facilidade para ascender socialmente, interrompendo, dessa forma, as ordens sociais até então vigentes faziam dele alguém marcado pela

imoralidade. Mas, certamente, a leitura e o conhecimento de livros sobre ciências ocultas foram fatores que pesaram em seu processo.⁶

Alvo de suas maiores críticas, o processo inquisitorial não chegou a ser analisado por Giacomo Casanova. No entanto, sua análise atual nos permite a identificação de denúncias contra ele, partidas de pessoas que viviam próximas à sua residência, sobretudo, em decorrência do seu envolvimento com a cabala, com a leitura de livros considerados “ilegais”, a poligamia, sodomia, enfim, práticas que, por meio da Inquisição de Veneza, deveriam ser extirpadas.

Críticas ao Santo Ofício de Veneza

Observamos em Casanova a presença de uma tendência crítica em seus escritos, à medida que ele elucida uma série de pontos negativos acerca da Inquisição de Veneza. Questões que vão desde as formas de punição, perpassando a arbitrariedade dos seus inquisidores e a forma pela qual são efetivadas as acusações por parte do Santo Ofício, são destacadas em seus livros, uma vez que o próprio processo inquisitorial movido contra Casanova não foi por ele verificado, dado que era comum o fato de o acusado não ter acesso às denúncias contra si.⁷

Diante disso, a despeito de Casanova apresentar-se enquanto cristão (algo que foi muito questionado pela Inquisição de Veneza,

⁶ Processo inquisitorial: ASVe, *Inquisitori di Stato*, Ex. 197, Tome I-III. Annotazioni - B. 534. fl. 55.

⁷ BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições**: Portugal, Espanha e Itália – Séculos XV – XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

anteriormente à sua acusação e consequente prisão), em alguns relatos presentes em suas *Memórias* ele mesmo se questiona acerca de algumas de suas atitudes, uma vez que elas não seguem o que lhe foi ensinado durante os anos nos quais ele se dedicou à vida clerical.

No Prefácio escrito às suas *Memórias*, entretanto, Casanova faz importantes afirmações com relação à sua crença em Deus, mostrando-se contrário ao que os inquisidores tomavam como um fato e, inclusive, ao que ele mesmo escrevera em outros momentos. De acordo com ele:

Eu não sou apenas monoteísta, mas cristão fortalecido pela filosofia, que jamais corrompeu alguém. Eu creio na existência de um Deus imaterial, autor e senhor de todas as formas; e o que me prova nunca haver dele duvidado é que sempre contei com a sua providência, recorrendo a ele pela prece nas horas de aflição e vendo-me sempre atendido.⁸

Através das investigações realizadas pelo Tribunal da Inquisição de Veneza, seja por meio da ajuda de espiões inseridos próximos a Casanova ou por denúncias contra ele, sua prisão aconteceu em 1755, sendo que, tal como nos elucida Ian Kelly ao exemplificar um relato feito contra Casanova, anos depois de sua formação no sacerdócio, ele “[...] não tem respeito pela religião.”.⁹

⁸ CASANOVA, Giacomo. **Memórias de Giacomo Casanova**. Tradução: Caio Jardim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 129-130.

⁹ KELLY, Ian. **Casanova**: muito além de um grande sedutor. Tradução: Roberto Franco Valente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 100.

Ian Kelly aponta, como possíveis motivos que levaram Casanova aos Chumbos, os seus relacionamentos com pessoas de maior nível social do que o dele, a teoria de que ele vendia o corpo (ou seja, era um prostituto) e, enfim, o seu envolvimento com a cabala, como já mencionado anteriormente.

Feitas tais explanações, a Inquisição Veneziana pode ser identificada, dito de outra forma, mais enquanto um órgão de censura e punição do governo, com o intuito de manter certa ordem social (sem as “idas e vindas” de Casanova pelas diferentes camadas sociais de Veneza) e de evitar que se denegrisssem as imagens construídas pela Igreja, do que como uma instituição que visava única e exclusivamente à punição religiosa.¹⁰

Ademais, buscamos abordar tal episódio e seus meandros enfocando, de forma secundária, o aspecto sexual presente na vida de Casanova, algo que foi contestado pelo Santo Ofício em decorrência do cunho libertino de suas ações. Como ele aponta sobre a sua vida sexual:

Cultivar o prazer dos sentidos foi sempre minha principal preocupação; nunca encontrei outra coisa mais importante. Sentindo-me nascido para o belo sexo, sempre o amei e por ele me fiz amar tanto quanto pude. Apreciei também os bons manjares com transporte, e sempre me apaixonaram todos os objetos capazes de me excitar a curiosidade.¹¹

¹⁰ CALIMANI, Riccardo. **L’Inquisizione a Venezia: eretici e processi (1548-1674).** Milão: Mondadori, 2002, p. 124.

¹¹ CASANOVA, Giacomo. **Memórias de Giacomo Casanova.** Tradução: Caio Jardim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 139.

O interessante Casanova

Outra questão aqui discutida e explícita em seus relatos diz respeito à forma pela qual a Inquisição Veneziana esteve interessada, primordialmente, na vida pessoal e social de Casanova, levando-o à prisão do Palácio dos Chumbos de Veneza, em 1755, e como a sua fuga, em 1756, pode representar um exemplo do desgaste do modelo inquisitorial até então vigente não apenas na região da atual Itália, mas em outros países que também utilizaram o referido modelo inquisitorial ligado ao Estado.

As questões levantadas a este respeito são de extrema importância, dado que, a partir do relato de Giacomo Casanova referente às acusações pelas quais passou, em 1755, por parte da Inquisição, podemos observar e compreender os seus manuscritos (que foram muitos ao longo de sua vida) como uma forma de fazer críticas ao Santo Ofício de Veneza.

Ao relatar a infraestrutura física da Prisão dos Chumbos, observamos que há uma preocupação em descrever toda a arquitetura do local, passando-nos a ideia de um claustro, desconfortável e incômodo, no qual deveriam ser reclusos todos aqueles que fossem considerados culpados de algum crime, fosse ele contra o Estado ou contra a instituição religiosa.

O cárcere

Casanova, após sua prisão, faz um relato no qual descreve os “Chumbos”, apontando características que tornam o seu tempo no

cárcere incômodo e inconfortável, que vão desde a pequena altura da cela, as condições higiênicas precárias, até a falta de iluminação e circulação de ar. Ele escreve uma breve síntese do local, abarcando a sua exata localização e as formas de acesso. Segundo ele,

Os Chumbos, prisão destinada a encerrar os criminosos de Estado, não são senão os altos do palácio ducal, e devem seu nome às largas placas de chumbo que lhe recobrem o teto. Não se pode lá chegar senão passando pelas portas do próprio palácio, ou pelo edifício das prisões, ou ainda pela Ponte dos Suspiros [...]. Só se pode subir aos Chumbos atravessando a sala em que se reúnem os inquisidores de Estado, e apenas o secretário possui a chave, a qual confia ao carcereiro tôdas [sic] as manhãs, para o serviço diário.¹²

A respeito das formas de tortura empregadas pela Inquisição de Veneza – realizadas, entre outros lugares, na prisão em que Casanova esteve –, também relatadas nas *Memórias*, observamos o seu relato ao descrever a explicação, dada por um dos guardas da Prisão dos Chumbos, do uso de um de seus instrumentos, quando de sua curiosidade acerca de tal objeto:

Pensava eu no que podia ser aquilo, quando o guarda, sorrindo me disse: “Vejo, Senhor, que quereríeis adivinhar para que serve este instrumento, e posso dizer-vos. Quando Suas Excelências dão ordem para que se estrangule alguém, sentamo-lo sobre um tamborete, de costas para este colar, e coloca-se-lhe a cabeça de modo a que o colar lhe abrace metade do pescoço; uma tira de seda, que lhe dá a volta à outra metade do pescoço, passa com as duas pontas por este buraco que vai terminar num

¹² CASANOVA, Giacomo. **Memórias de Giacomo Casanova**. Tradução: Caio Jardim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 1549.

torniquete ao qual as ditas pontas ficam confiadas; um homem faz girar o torniquete até que o paciente tenha entregue a alma a Nosso Senhor, pois o confessor, Deus seja louvado, só o larga depois de estar morto.” “É bastante engenhoso”, respondeu-lhe [...].¹³

O Santo Ofício em Veneza é relatado por Casanova enquanto uma instituição punitiva e, em muitos momentos de suas descrições, tido como arbitrário. Como ele destaca ao escrever sobre a história da sua fuga, “[...] um tribunal [da Inquisição] como aquele podia saber mais do que eu e reconhecer em mim crimes dos quais eu podia julgar-me inocente [...]”¹⁴

Nessa passagem, portanto, Casanova faz uma crítica à fabricação de provas contra os acusados de determinados crimes ou práticas heréticas, uma vez que não se toma conhecimento, na quase totalidade dos casos, da veracidade dos crimes apontados.

A literatura pessoal enquanto crítica

Escritas na década final de sua vida (1790), as suas *Memórias*, enquanto literatura pessoal, representam uma importante forma de crítica ao modelo inquisitorial empregado em Veneza, dado que, por meio delas, Giacomo Casanova pôde se expressar e relatar muito do que presenciou durante os anos em que esteve inserido nas cortes europeias e na vida setecentista em geral.

¹³ CASANOVA, Giacomo. **Memórias de Giacomo Casanova**. Tradução: Caio Jardim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 25-26.

¹⁴ CASANOVA, Giacomo. **História da minha fuga das prisões de Veneza**. Tradução: José Miranda Justo. São Paulo: Nova Alexandria, 2012, p. 20.

Ademais, é imprescindível que se fale da importância deste tipo de relato para a história das religiões, dado que os seus testemunhos e escritos sobre a Inquisição nos evidenciam uma série de métodos dos quais o Santo Ofício se utilizava, sobretudo, como formas de punição às atitudes consideradas hereges e anticlericais.

Sendo assim, uma das características que podemos depreender dos seus relatos, cujos detalhes e descrições são feitos minuciosamente, para além do tratamento dado à Inquisição, é a importância e a contribuição das fontes literárias para a pesquisa na área de História, visto que a sua utilização torna-se cada vez mais comum no meio acadêmico e, dessa forma, auxilia o historiador em sua escrita.

Deve-se apontar, por fim, que a utilização da narrativa histórica merece cuidados por parte do pesquisador, tanto para discernir entre aquilo que é real e o que é fictício, quanto para não incorrer em anacronismos com relação aos termos e definições empregados para determinadas épocas.

O retorno de Casanova: Arthur Schnitzler e a ficção

O fato de Giacomo Casanova ter se tornado um *espio* da Inquisição Veneziana pode soar um tanto quanto contraditório, dada a sua prisão pela mesma instituição no ano de 1755, além de uma série de acusações contra ele, seja por heresia ou por práticas até então consideradas “ocultas”. No entanto, tal aspecto é verdadeiro, dados os seus relatos em suas *Memórias* e os registros existentes no Arquivo de Estado de Veneza.

O fato histórico, portanto, pode ser confrontado com uma série de relatos desenvolvidos pela literatura. No presente caso, o relato de Casanova é corroborado pelos documentos oficiais do Tribunal do Santo Ofício, o que resulta na confirmação do fato histórico e na veracidade das informações que, para ele, eram tidas como a narrativa de suas aventuras.

Em oposição à literatura pessoal de Casanova, acreditamos ser importante apresentar outro tipo de literatura, desta vez escrita sobre, e não por nossa personagem principal e que, segundo o próprio autor, Arthur Schnitzler, é uma ficção: “O Retorno de Casanova”. Em seu *post scriptum*, Schnitzler afirma que

É um fato histórico a visita de Casanova a Voltaire, em Ferney. Contudo, todas as ilações daí tiradas neste conto, particularmente aquela que apresenta Casanova em duelo literário com Voltaire, nada têm a ver com a verdade histórica. Por outro lado, é historicamente correto o fato de Casanova ter-se sentido coagido a exercer as funções de espião em Veneza, sua cidade natal, quando se encontrava entre os cinquenta e sessenta anos de idade. Diversas ocorrências relativas à juventude do famoso aventureiro citadas de passagem na presente narrativa podem ser encontradas com mais precisão de detalhes em suas *Memórias*. De resto, todo o conto *O Retorno de Casanova* é pura ficção.¹⁵

Publicado no início do século XX (1918), o conto de Arthur Schnitzler busca apresentar, na figura de um Giacomo Casanova mais experiente e com a idade avançada, a lembrança de uma série de

¹⁵ SCHNITZLER, Arthur. **O retorno de Casanova**. Tradução: Günther H. Wetzel. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 115.

acontecimentos (fictícios) que, no conto, se deram durante a juventude de Casanova.

Mesmo sendo apresentado enquanto uma ficção, o conto supracitado traz uma série de passagens verídicas, extraídas das próprias *Memórias de Giacomo Casanova* e que, destarte, são utilizadas pelo autor a fim de trazer uma visão mais realista do retorno de Giacomo Casanova a Veneza, após o tempo em que esteve exilado. É preciso que se atente, no entanto, que tais passagens não significam que, neste livro, sejam verdadeiras, tal como foi supracitado.

Não se deve considerar tal conto enquanto uma fonte, mas é interessante observar e destacar que, até mesmo nas ficções, o uso da literatura pessoal é importante, para dar mais fluidez à história – ou estória, termo mais apropriado neste caso – e à construção de uma narrativa.

O enfoque dado por Arthur Schnitzler destaca, sobretudo, os aspectos sexual e libertino de Casanova, apresentando-o enquanto um aventureiro em busca do prazer. Para tanto, a seguinte citação elucida bem este aspecto, quando Casanova passa por uma jovem camponesa que desperta o seu interesse:

Casanova, que sabia muito bem que a raiva e o ódio impressionam a juventude muito mais que a meiguice e a ternura, conscientizou-se imediatamente de que bastaria um apelo insolente de sua parte para fazer com que a

carroça parasse e ele tivesse a moça à sua disposição para fazer com ela o que melhor lhe apetecesse.¹⁶

O trecho acima deixa claro que existe tamanho interesse, sobretudo, nas aventuras sexuais de Giacomo Casanova, algo que ele, em suas obras, busca deixar em um segundo plano, atendo-se mais aos relatos dos costumes e dos modos da sociedade europeia, seja ela a veneziana, a parisiense ou qualquer outra na qual ele esteve presente.

É de se destacar, contudo, que o papel sexual e galanteador de Casanova não é o único fator importante em sua vida, dada a sua contribuição para o pensamento filosófico e cultural na sociedade europeia do século XVIII. Como bem nos evidencia Ian Kelly, “Casanova ficaria pasmado ao descobrir que hoje ele é lembrado quase exclusivamente por sua vida sexual.”¹⁷

As ficções, por assim dizer, têm certas “licenças poéticas” para tratar determinadas personagens históricas, tal qual Casanova, de uma forma mais romantizada ou menos ligada à realidade. Em oposição a isso, é papel fundamental dos historiadores, portanto, não tomar por únicas fontes estes trabalhos, preocupando-se em buscar os documentos verdadeiros, os quais irão comprovar as proposições até então estabelecidas.

¹⁶ SCHNITZLER, Arthur. **O retorno de Casanova**. Tradução: Günther H. Wetzel. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 9.

¹⁷ KELLY, Ian. **Casanova**: muito além de um grande sedutor. Tradução: Roberto Franco Valente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 13.

Considerações finais

Após toda a discussão feita acerca das críticas à Inquisição Veneziana produzidas por Giacomo Casanova, deve-se destacar que é possível o emprego, em boa parte dos casos, da literatura (neste caso, a pessoal) para se estudar a história das religiões, dado o seu papel fundamental de relatar determinados aspectos e mecanismos da sociedade.

Nota-se o papel fundamental do historiador e a sua necessária atualização aos novos meios de propagação de conhecimento, através de recursos literários que, em outras situações, não poderiam ser utilizados (no caso do Santo Ofício, o uso do processo inquisitorial é o mais comum dos casos, enquanto que ainda são poucos os casos em que se opta pelo relato de determinada personagem acerca do mesmo).

Neste sentido, ainda é necessário realizar debates e discussões acerca da temática, uma vez que estes auxiliam os historiadores e demais pesquisadores a conduzir seus trabalhos e contribuem, substancialmente, no desenvolvimento da história das religiões em associação à literatura produzida.

Após toda essa análise, pode-se destacar que este trabalho vem buscando contribuir com os estudos atuais da área de História Moderna, com importante destaque para o uso da literatura neste meio, destacando-se pontos de vista distintos sobre um mesmo fato. A contraposição aqui realizada, mesmo que não de forma prioritária, entre a literatura pessoal e a literatura ficcional, é uma característica essencial

para os pesquisadores da área das ciências humanas e, sobretudo, da História, visto o contínuo emprego de fatos e personagens históricos no meio ficcional.

Seu uso, no entanto, deve ser feito tomando-se os devidos cuidados no que diz respeito à metodologia, aos termos, às definições e, sobretudo, ao conceito de verdade histórica, haja vista a dificuldade em se empregar tal expressão, a fim de não incorrer naquele que é tido como o maior dos males da História: o anacronismo.

Arraigado por uma série de conceitos e metodologias, por fim, tal trabalho serve como uma importante forma de complementar os estudos até então desenvolvidos no que tange aos usos da literatura por meio da História, através da relação entre os múltiplos campos do saber entre as religiões e a História.

Referências:

Fontes

Manuscritos

ARCHIVIO DI STATO, VENEZA.

Inquisitori di Stato Ex. 197, Tome I-III. Annotazioni - B. 534.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE – GALLICA.

CASANOVA, Giacomo Girolamo. *Histoire de ma vie*. Livre I-X
Fonds Casanova.

Impressos

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE – GALLICA.

CASANOVA, Giacomo. **Histoire de ma fuite des prisons de la République de Venise, qu'on appelle les Plombs, écrite à Dux en Bohême l'année 1787.** Leipzig, 1788.

Bibliografia

BECCARIA, Cesare. **Dos delitos e das penas.** 2. ed. Tradução: Paulo M. Oliveira. São Paulo: Edipro, 2015.

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições:** Portugal, Espanha e Itália – Séculos XV–XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CALIMANI, Riccardo. **L’Inquisizione a Venezia:** eretici e processi (1548-1674). Milão: Mondadori, 2002.

CAPLAN, Jane; TORPEY, John. **Documenting individual identity:** the development of state practices in the modern world. New Jersey: Princeton University, 2001.

CASANOVA, Giacomo. **História da minha fuga das prisões de Veneza.** Tradução: José Miranda Justo. São Paulo: Nova Alexandria, 2012.

_____. **Memórias de Giacomo Casanova.** 10 v. Tradução: Caio Jardim. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

_____. **O Duelo.** Porto Alegre: L&PM Pocket, 1997.

CHILDS, James Rives. **Casanova:** a new perspective. Michigan: Paragon House Publishers, 1988.

DARNTON, Robert. **Edição e sedição:** o universo da literatura clandestina no século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DEL COL, Andrea. **L’Inquisizione in Italia:** dal XII al XXI secolo. Milão: Mondadori, 2006.

KELLY, Ian. **Casanova:** muito além de um grande sedutor. Tradução: Roberto Franco Valente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

KLEINE, Tassia. Casanova: emigração e retorno entre a ficção e a autobiografia. **Estação Literária**, Londrina, v. 10C, p. 292-304, fev. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/g7X7Ew>>. Acesso em: 25 maio 2016.

MARIE-FRANÇOISE, Luna. **Il mondo di Giacomo Casanova:** un Veneziano in Europa (1725-1798). Veneza: Marsilio, 1998.

NAUDIN, Jean-Bernard; TOESCA, Catherine; PARAVIA, Leda Vigliardi; FASOLI, Lydia. **Casanova:** un Vénitien gourmand. Paris: Editions du Chêne, 1998.

NEDOBITY, Wolfgang. **Casanova and the Italian Taste.** SSRN, 2008. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1702198>. Acesso em: 04 nov. 2016.

NOVAES, Adauto (org.). **Libertinos libertários.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PEAKMAN, Julie. **Lascivious Bodies:** A Sexual History of the Eighteenth Century. New York: Atlantic, 2004.

PROSPERI, Adriano. **Tribunais da consciência:** inquisidores, confessores e missionários. São Paulo: EDUSP, 2014.

RÂMBU, Nicolae. The Philosophy of Casanova. **Philosophy and Literature**, v. 36, n. 2, Oct. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/wrJWjQ>>. Acesso em: 20 maio 2016.

RIBEIRO, Renato Janine. **A etiqueta no Antigo Regime:** do sangue à doce vida. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ROGGENDORFF, Cécile de. **Lettres d'amour à Casanova**. Paris: Editions Zulma, 2005.

RUPRECHT JR., Louis. Winckelmann and Casanova in Rome: A Case Study of Religion and Sexual Politics in Eighteenth-Century Rome. **Journal of Religious Ethics**, v. 38, p. 297-320, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/dgtldD>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

SCHNITZLER, Arthur. **O retorno de Casanova**. Tradução: Günther H. Wetzel. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIRACUSA, Dominic. Casanova, Marinetti and the Art of Seduction. **Carte Italiiane**, v. 2, 2010. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/60q5502b>>. Acesso em: 13 out. 2016.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VALLERA, Tomás. **Entre o libertinismo e a libertinagem**: “as artes de não ser governado” na sua relação com o nascimento do Estado de polícia na Europa do século XVIII. Disponível em: <<http://migre.me/vuJ0n>>. Acesso em: 25 out. 2016.

WRIGHT, Charles. **Casanova ou l'essence des Lumières**. Paris: Bernard Giovanangeli Éditeur, 2008.

ZWEIG, Stefan. **Casanova**. Tradução: Aurélio Pinheiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1951.

Recebido em 28/05/2017, aceito para publicação em 06/11/2017